

## COMPREENDENDO A TRAJETÓRIA DOS ALUNOS EGRESSOS: UM ESTUDO SOBRE RELAÇÕES DE GÊNERO A PARTIR DO CURSO DE PEDAGOGIA DA FACULDADE UNIGUAÇU

Mateus Pedro Schuh\*; Francielle de Camargo Ghellere\*\*

\* Egresso do Curso de Pedagogia da Faculdade Uniguaçu, *e-mail: mateusschuh28@gmail.com*

\*\* Doutora em Sociedade, Cultura e Fronteiras (UNIOESTE); Doutorado Sanduíche na Universidad de Ciencias Pedagógicas Enrique José Varona em Cuba. Professora na Secretaria de Educação do Estado do Paraná (SEED) e na Faculdade de Ensino Superior de São Miguel do Iguaçu. *E-mail: francielleghellere@gmail.com*

### INFORMAÇÕES

#### **Histórico de submissão:**

Recebido em: 10 ago. 2024

Aceite: 14 ago. 2024

Publicação *online*: ago. 2024

### RESUMO

Este estudo teve como objetivo compreender as relações de gênero masculino no Curso de Graduação em Pedagogia da Uniguaçu, com foco nos egressos formados entre 2011 e 2021. Buscou-se identificar as relações interpessoais dos pedagogos no ambiente escolar e as principais dificuldades enfrentadas pelos homens ao ingressarem nessa profissão. O trabalho analisou a trajetória desses profissionais e a relevância de estudar as relações de gênero no curso de graduação, visando a uma prática pedagógica que valorize a diversidade e a identidade dos alunos. A metodologia adotou uma abordagem qualitativa de caráter exploratório. A coleta de dados foi realizada por meio de questionário via aplicativo de mensagens e entrevista semiestruturada com doze questões, aplicada a dez egressos da Uniguaçu. Destaca-se a importância das oportunidades para homens que escolhem a pedagogia e os desafios enfrentados. Compreender as relações de gênero entre professores possibilita a criação de mecanismos para harmonizar o papel do pedagogo masculino na educação infantil. Aspectos motivacionais são fundamentais para construir uma sociedade igualitária, promovendo autonomia, competência e satisfação profissional. Pesquisas semelhantes devem ser replicadas em outros níveis de ensino para examinar a percepção de docentes em contextos distintos.

**Palavras-chave:** Relações de Gênero; Pedagogos; Diversidade e Educação

### RESUMEN

Este estudio tuvo como objetivo comprender las relaciones de género masculino en el Curso de Grado en Pedagogía de Uniguaçu, con un enfoque en los egresados formados entre 2011 y 2021. Se buscó identificar las relaciones interpersonales de los pedagogos en el entorno escolar y las principales dificultades que enfrentan los hombres al ingresar a esta profesión. El trabajo analizó la trayectoria de estos profesionales y la relevancia de estudiar las relaciones de género en el curso de grado, con el objetivo de una práctica pedagógica que valore la diversidad y la identidad de los estudiantes. La metodología adoptó un enfoque cualitativo de carácter exploratorio. La recopilación de datos se realizó mediante un cuestionario a través de una aplicación de mensajería y una entrevista semiestructurada con doce preguntas, aplicada a diez egresados de Uniguaçu. Se destaca la importancia de las oportunidades para los hombres que eligen la pedagogía y los desafíos que enfrentan. Comprender las relaciones de género entre los profesores permite la creación de mecanismos para armonizar el papel del pedagogo masculino en la educación infantil. Los aspectos motivacionales son fundamentales para construir una sociedad igualitaria, promoviendo autonomía, competencia y satisfacción profesional. Investigaciones similares deben replicarse en otros niveles educativos para examinar la percepción de los docentes en contextos distintos.

**Palabras clave:** Relaciones de Género; Pedagogos e Diversidad; Educación.

**Citação:** SCHUH, Mateus Pedro; GHELLERE, Francielle de Camargo. Compreendendo a trajetória dos alunos egressos: um estudo sobre relações de gênero a partir do curso de Pedagogia da Faculdade UNIGUAÇU. **Iguazu Science**, São Miguel do Iguazu, v. 2, n. 4, p. 43-49, ago. 2024.

## INTRODUÇÃO

O objetivo desta pesquisa é analisar as relações interpessoais de pedagogos egressos da Faculdade de Ensino Superior de São Miguel do Iguazu (UNIGUAÇU) no ambiente escolar, com foco nas atividades desenvolvidas em Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs) e em escolas em geral, incluindo tanto as funções de sala de aula quanto de gestão escolar.

A pesquisa busca investigar a trajetória do pedagogo homem, desde a escolha do curso de Pedagogia até sua formação e atuação profissional, e examinar a questão do gênero masculino no contexto escolar. O estudo visa compreender as relações interpessoais do pedagogo, identificar as principais dificuldades enfrentadas por homens para ingressar e permanecer na profissão, e discutir o impacto dos estereótipos de gênero na aceitação e reconhecimento desses profissionais.

O interesse por este tema surgiu a partir de relatos e observações durante a graduação em Pedagogia, que revelaram a pouca presença e aceitação da figura masculina no ambiente educacional, devido a estereótipos associados ao gênero masculino. A pesquisa é relevante para homens que consideram ingressar na profissão docente, especialmente considerando que a quantidade de homens formados para a docência no Ensino Fundamental é baixa e a procura por Pedagogia por parte deste gênero é reduzida.

Historicamente, o trabalho educativo era predominantemente masculino, mas atualmente é mais associado às mulheres, que são culturalmente vistas como mais aptas para tarefas que exigem atenção e afeto. A problemática central da pesquisa é: como se desenvolvem as relações interpessoais do pedagogo no ambiente escolar e quais são as maiores dificuldades enfrentadas pelo gênero masculino para ingressar e permanecer na profissão? A hipótese é que, ao analisar o relacionamento do pedagogo com a comunidade escolar e externa, poderemos compreender melhor as relações interpessoais e identificar a persistência de preconceitos relacionados à atuação dos homens em diversos níveis hierárquicos dentro das escolas.

## METODOLOGIA

Para a realização deste estudo, foi utilizada a abordagem de pesquisa qualitativa com uma finalidade exploratória, que, de acordo com Vieira (2002, p. 61-70), tende "a proporcionar ao pesquisador uma maior familiaridade com o problema em estudo". Além disso, a pesquisa exploratória é usada em casos em que é necessário definir o problema com maior precisão e identificar cursos relevantes de ação ou obter dados adicionais antes que se possa desenvolver uma abordagem. Como o nome sugere, a pesquisa exploratória procura explorar um problema ou uma situação para prover critérios e compreensão (VIEIRA, 2002).

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, uma vez que permite "a realização de estudos aprofundados sobre uma ampla variedade de tópicos, incluindo seus favoritos, em termos simples e cotidianos" (YIN, 2016, p. 05).

Além disso, para Minayo (2013), a pesquisa qualitativa abrange um nível de realidade que não deveria ser quantificado, não podendo, portanto, ser objeto de uma pesquisa quantitativa.

A pesquisa qualitativa está dividida em três etapas: a fase exploratória, o trabalho de campo, e a análise e tratamento do material empírico e documental. A primeira etapa consiste na elaboração do projeto de pesquisa "[...] e de todos os procedimentos necessários para preparar a entrada em campo", sejam esses procedimentos teóricos, como leitura sobre o tema e embasamento, ou a delimitação do objeto de estudo (MINAYO, 2013, p. 24).

Com o objetivo de compreender a trajetória de Pedagogos egressos da União de Ensino Superior do Iguazu Ltda., Faculdade de Ensino Superior de São Miguel do Iguazu (UNIGUAÇU), foi necessário aplicar um questionário utilizando um aplicativo de mensagens (WhatsApp) para otimizar o tempo e facilitar o uso, a dez egressos do gênero masculino formados no Curso de Pedagogia.

A segunda etapa consistiu em levar para a prática tudo o que foi elaborado na primeira etapa, combinando "instrumentos de observação, entrevistas ou outras modalidades de comunicação e interlocução com os pesquisados, levantamento de material documental e outros" (MINAYO, 2013, p. 24). Com base nas observações de Minayo (2013), foram utilizados os seguintes instrumentos para coleta de

dados: um questionário semiestruturado com questões elaboradas para os egressos e a análise documental da Proposta Pedagógica do Curso de Pedagogia da Uniguacu.

Conforme Thompson (1992) e Burke (1977) apud Rosa e Arnoldi (2007), o questionário é uma ferramenta indispensável para se trabalhar, buscando contextualizar o comportamento dos sujeitos, fazendo a sua vinculação com os sentimentos, valores e crenças, permitindo, sobretudo, que se obtenham dados sobre o passado recente ou distante de maneira explícita, mas tranquila e em comunhão com o entrevistador, que deve inicialmente transmitir atitudes que se transformem em uma troca mútua de confiança. Assim, a aplicação do questionário ocorreu por meio de um aplicativo de mensagens (WhatsApp) para otimizar o tempo e facilitar o uso.

Na terceira etapa, foi feita a ordenação, classificação e análise dos dados propriamente dita. De acordo com Minayo (2013, p. 25), essa etapa compreende:

O conjunto de procedimentos para valorizar, compreender, interpretar os dados empíricos, articulá-los com a teoria que fundamentou o projeto ou com outras leituras teóricas e interpretativas cuja necessidade foi dada pelo trabalho de campo.

A organização dos dados foi realizada a partir dos questionários obtidos. A classificação dos dados ocorreu após a transcrição, onde as respostas dos entrevistados foram separadas nos tópicos das perguntas norteadoras, possibilitando uma compreensão mais ampla. A análise dos dados foi realizada pela triangulação dos dados obtidos nos questionários com os dados retirados da Proposta Pedagógica do Curso de Pedagogia da Uniguacu e os apontamentos teóricos.

Por fim, Minayo (2013, p. 25) determina que esse processo da pesquisa qualitativa "acontece em espiral, pois começa com uma pergunta e termina com uma resposta ou produto que, por sua vez, dá origem a novas interrogações", ou seja, o ciclo da pesquisa não se fecha, pois toda pesquisa produz conhecimento e gera novas indagações.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A trajetória da escola no Brasil revela profundas transformações, desde a educação masculina e religiosa promovida pelos jesuítas até a feminização do magistério. Essa feminização se consolidou através de uma ressignificação da profissão docente, que passou a incorporar atributos tradicionalmente associados às mulheres, como o amor, a sensibilidade

e o cuidado, para que fosse considerada socialmente aceitável para o gênero feminino (LOURO, 1997, p. 94).

As identidades e atitudes de homens e mulheres são historicamente construídas com base em imagens sociais que definem o que é considerado comportamento "feminino" ou "masculino". Ao entender as relações de gênero como construções sociais, torna-se evidente a atribuição de propriedades "naturalmente" masculinas ou femininas, as quais correspondem a relações de poder. Essas construções são reforçadas ao longo do tempo por meio de práticas sociais repetitivas, que acabam sendo naturalizadas (AUAD, 2019; SILVA et al., 2020).

Vianna e Finco (2009) destacam que a família e a escola frequentemente reforçam comportamentos esperados para cada sexo, educando meninos e meninas de maneiras distintas, mesmo quando expostos às mesmas influências educacionais, como livros ou professores. O machismo, entendido como um sistema ideológico oferece modelos identitários tanto para homens quanto para mulheres. Desde a infância, meninos e meninas são inseridos em relações que moldam suas consciências, muitas vezes fomentando sentimentos de superioridade nos meninos e de inferioridade nas meninas (DRUMONT, 1980).

Soares (2021) sustenta que os papéis sociais atribuídos a homens e mulheres são influenciados desde o nascimento, com pais, professores e outros adultos próximos desempenhando um papel crucial na formação dessas identidades. A escola, como um dos primeiros ambientes de socialização infantil, tem um papel significativo na construção e reforço dessas identidades de gênero.

Embora a sociedade brasileira esteja em constante transformação, as maneiras pelas quais as pessoas ocupam os espaços sociais ainda são moldadas por processos históricos de distinção e valoração, especialmente no que diz respeito ao gênero. Isso resulta em uma classificação dos indivíduos que perpetua preconceitos, desigualdades, exclusão e hierarquização (SILVA et al., 2020).

A prática pedagógica deve ser conduzida de forma equitativa para ambos os gêneros, uma vez que o compromisso moral do professor transcende a sala de aula e deve focar na importância pedagógica independentemente das questões de gênero (VIANNA; CARVALHO, 2005, p. 24).

Louro (1997, p. 88-89) propõe duas hipóteses sobre o gênero na escola: a escola é feminina porque é predominantemente um espaço ocupado por mulheres, que organizam e gerem o ambiente escolar, ou é masculina, porque o trabalho realizado ali está

centrado no conhecimento, historicamente produzido por homens.

Vianna (2002) aponta que as intensas transformações econômicas, sociais, políticas, demográficas e culturais pelas quais o Brasil passou resultaram em uma crescente participação feminina no mercado de trabalho. No entanto, Louro (2014) argumenta que, embora as mulheres tenham gradualmente ocupado outras funções na sociedade, suas atividades são frequentemente controladas e dirigidas por homens, sendo representadas como secundárias, de apoio ou assistência.

Desde o século XIX, os homens começaram a abandonar as salas de aula nos cursos primários, com as escolas normais formando cada vez mais mulheres (VIANNA, 2002). Louro (2014) enfatiza que a construção do feminino e do masculino em uma sociedade é menos sobre características sexuais e mais sobre como essas características são representadas e valorizadas. Assim, o gênero se torna um conceito fundamental para entender as relações entre homens e mulheres em contextos históricos específicos.

Silva et al. (2020) ressaltam que a diferenciação de gênero é ampla e requer discussões aprofundadas, dado que os preconceitos e desigualdades estão enraizados nas relações de poder na sociedade. O sexo masculino, em particular, enfrenta desafios de aceitação na profissão pedagógica, especialmente em ambientes escolares onde a presença feminina é predominante.

O artigo 5º da Constituição Federal garante que todos são iguais perante a lei, assegurando os direitos à vida, liberdade, igualdade, segurança e propriedade (BRASIL, 1988). O inciso I desse artigo especifica que homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações. Contudo, mesmo após três décadas da promulgação desse documento, a desigualdade de gênero persiste em nossa sociedade.

Freire e Vieira (2019) afirmam que o currículo não é fixo, mas flexível, podendo ser ajustado às características sociais, culturais e identitárias, desde que não comprometa o embasamento jurídico-pedagógico. Atualmente, o curso de Pedagogia prepara professores para atuar na Educação Infantil, nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, e em outras áreas educacionais, contribuindo para a produção e difusão do conhecimento científico-tecnológico (SILVA et al., 2020).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN) de 1996 e a Resolução CNE nº 01/2006 estabelecem que os egressos do curso de Pedagogia devem demonstrar consciência da diversidade,

respeitando as diferenças ambientais, étnico-raciais, de gênero, e outras (BRASIL, 2006).

O curso de Pedagogia, portanto, propõe uma formação abrangente para os licenciados, com uma concepção de educação que promova o desenvolvimento do pedagogo no contexto das práticas sociais atuais, permitindo uma compreensão sócio histórica desses elementos (SILVA et al., 2020).

Silva e Ferreira (2019) destacam que as políticas de gênero na escola devem refletir princípios de liberdade, solidariedade e igualdade, conforme determinado pela LDBEN no 9.394/96.

Azevedo (2018) observa que, apesar da redução do machismo em sociedades ocidentais e da maior aceitação dos homens em funções tradicionalmente femininas, ainda há preconceito em relação a educadores do sexo masculino, especialmente aqueles que trabalham com crianças.

Fagundes (2005) argumenta que a associação do magistério com a maternidade, considerada uma prioridade feminina, levou ao afastamento gradual dos homens da profissão pedagógica, que se tornou predominantemente feminina. A distinção entre "ser mulher" e "ser homem" é estabelecida antes mesmo do nascimento, com expectativas sociais que são continuamente reforçadas ao longo da vida (RUIS; PEREZ, 2017).

Louro (1997) aponta que os aspectos relacionados ao gênero são multiformes e podem se transformar ao longo do tempo, sempre inseridos em jogos de poder. A identidade pessoal de "ser mulher" ou "ser homem" é construída a partir do reconhecimento social, moldada pelas normas e expectativas de gênero vigentes (FAGUNDES, 2005).

Gatti e Barreto (2009) revelam que a presença masculina no curso de Pedagogia é minoritária, com apenas 7,5% dos matriculados sendo homens. Essa disparidade reflete-se na docência, especialmente nos níveis de ensino onde a atuação feminina é predominante.

Soares (2021) destaca que a associação histórica das mulheres com o cuidado e a dedicação às crianças contribui para o predomínio feminino na pedagogia. A presença de homens na educação infantil, contudo, ainda é vista com estranheza e é alvo de preconceitos (SILVA et al., 2020).

A presença masculina na pedagogia é frequentemente questionada, gerando tensões e preconceitos que afetam a prática docente. A identidade do pedagogo masculino é frequentemente confrontada com normas de gênero que o colocam em uma posição vulnerável (SILVA et al., 2020).

Leite, Oliveira e Luterman (2021) afirmam que a escola desempenha um papel crucial na desconstrução das normas de gênero, sendo fundamental que o currículo aborde essas questões de maneira crítica. No entanto, a compreensão dos docentes sobre gênero e sexualidade ainda é insuficiente, o que reforça modelos históricos e preconceituosos (FIALHO; NASCIMENTO; XEREZ, 2017).

Silva e Ferreira (2019) observam que as ações pedagógicas dos docentes são influenciadas por suas histórias de vida, sendo um processo formativo vinculado às práticas sociais.

O questionário aplicado aos entrevistados abordou diversos aspectos sobre a atuação de pedagogos e professores. A primeira pergunta explorou a faixa etária dos participantes. Observou-se que 50% dos egressos da Faculdade de Ensino Superior de São Miguel do Iguazu (UNIGUAÇU) possuem entre 20 e 30 anos, enquanto os outros 50% estão na faixa etária de 30 a 40 anos. Outras faixas etárias não foram selecionadas. A maioria dos egressos é relativamente jovem, condizendo com a faixa etária da graduação em Pedagogia, que segundo Gatti e Barretto (2009), é de 18 a 24 anos. Batista, Lima e Lima (2016) encontraram uma faixa etária mais heterogênea entre os egressos de Pedagogia, variando de 26 a 51 anos, o que sugere que a abertura do curso pode ter atraído tanto jovens quanto profissionais já em atividade.

A segunda questão investigou o ano de conclusão do Curso de Pedagogia. Observou-se que 40% dos entrevistados concluíram o curso nos últimos 3 anos, enquanto 60% finalizaram entre 2010 e 2015. A baixa procura por acadêmicos do sexo masculino ainda é um fator presente no Curso de Pedagogia, uma vez que tradicionalmente essa área é mais procurada por mulheres, conforme apontado por Pessoa, Vaz e Botassio (2021), e há a relação com a maternidade e cuidado (FAGUNDES, 2005).

Os entrevistados ao serem questionados sobre a continuidade dos estudos após a conclusão do Curso de Pedagogia, 10% dos entrevistados relataram que não continuaram seus estudos, 10% fizeram outra graduação, 70% realizaram especializações, e 10% estão cursando mestrado. Nenhum dos entrevistados optou pelo doutorado, mas a maioria demonstrou interesse em continuar a formação acadêmica. A formação contínua é crucial para o desenvolvimento profissional dos pedagogos, refletindo a necessidade de atualização e adaptação às novas práticas educacionais (FRIGOTTO et al., 2017).

Quanto ao tempo de serviço, 20% dos entrevistados nunca atuaram como educadores, 10% têm menos de um ano de experiência, 10% trabalham

há 2 anos, 20% atuam há 6 anos, 10% há 8 anos, 10% há 10 anos, 10% há 11 anos, e 10% há 13 anos. Embora apenas 30% exerçam especificamente a profissão de pedagogo, 80% estão envolvidos com a educação.

Em relação à motivação para a profissão, 80% dos entrevistados indicaram gostar e se sentir motivados, 10% raramente e 10% não responderam, possivelmente por não estarem atualmente em atividade como pedagogos ou professores. A motivação é fundamental para o desempenho efetivo das funções educacionais e a melhoria contínua do ensino (DAVOGLIO; SPAGNOLO; SANTOS, 2017).

Sobre o preconceito enfrentado por homens na profissão, 50% dos entrevistados relataram que raramente percebem preconceito, 30% disseram que não percebem, e 20% afirmaram que existe preconceito. Relatos específicos incluíram situações de estranhamento e resistência por parte de alguns membros da comunidade escolar e pais, refletindo estereótipos de gênero associados à profissão de educador infantil (FERREIRA; OLIVEIRA, 2020; SAYÃO, 2005).

Finalmente, quanto ao tratamento diferenciado devido ao gênero, 40% dos entrevistados acharam que há diferença, 40% disseram que raramente há, e 20% acreditam que não há diferença. A percepção de preconceito e a necessidade de uma educação mais inclusiva e igualitária são essenciais para avançar na construção de uma sociedade sem estigmas relacionados ao gênero na educação (HIRATA; KERGOAT, 2007; SILVA, 2014).

As opiniões dos entrevistados destacam a importância da educação para combater preconceitos e promover maior aceitação e respeito pelas diferentes atuações profissionais, independentemente do gênero. A construção de uma sociedade igualitária passa pelo reconhecimento e valorização da diversidade na profissão de educador.

## CONCLUSÕES

Os resultados deste estudo, embora incipientes e provenientes de uma amostra específica, estão alinhados com a literatura atual sobre o tema, especialmente no que diz respeito às relações de gênero na profissão de pedagogo e professor de Educação Infantil do sexo masculino.

A baixa procura de homens pelo Curso de Pedagogia sustenta a tese de que a profissão de professor/pedagogo está relacionada às questões de gênero. Compreender as relações de gênero dos professores permite buscar alternativas e desenvolver mecanismos para harmonizar o papel do pedagogo masculino na Educação Infantil, com o objetivo de

transformar a visão da pedagogia e promover um diálogo sobre gênero nas escolas, defendendo a atuação desses profissionais na educação.

Os paradigmas que sugerem que apenas mulheres são capazes de educar e ensinar crianças estão diminuindo à medida que os homens ganham espaço e a confiança dos pais e/ou responsáveis para exercer a função de professor pedagogo.

É também de grande importância incentivar os alunos que desejam cursar Pedagogia, mas acabam desistindo devido ao preconceito.

Entre os motivos que os pedagogos consideram essenciais para permanecer na profissão estão os aspectos motivacionais e a importância de contribuir para a construção de uma sociedade igualitária e sem preconceitos. Esses motivos estão associados à autonomia, competência e ao reconhecimento de estar desenvolvendo uma prática que proporciona satisfação e bem-estar na profissão.

Considerando os dados obtidos na pesquisa, percebe-se que os estereótipos relacionados à questão de gênero na educação estão mudando de forma lenta, mas já se notam avanços, o que é muito positivo. As leituras realizadas confirmam a possibilidade dessas mudanças.

Para dar maior consistência aos resultados encontrados, é recomendável replicar pesquisas correlatas em outros níveis de ensino, com o objetivo de examinar a percepção de docentes em diferentes contextos.

## REFERÊNCIAS

AUAD, D. **Educar meninos e meninas: relações de gênero na escola**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

AZEVEDO, G. X. A presença masculina em curso de pedagogia. **Cientific@ - Multidisciplinary Journal**. v. 5, n. 1, 2018. Disponível em: <<http://periodicos.unievangelica.edu.br/index.php/cientifica/article/view/2622>>. Acesso em: 22 Abr. 2022.

BATISTA, A. C. ; LIMA, A. S. ; LIMA, A. S. **O perfil dos egressos do Curso de Pedagogia do Campus IV- UFPB: caminhos e descaminhos da formação docente**. III Conedu, 2016. Disponível em: <[https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2016/TRABALHO\\_EV056\\_MD1\\_SA4\\_ID1813\\_14082016233559.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2016/TRABALHO_EV056_MD1_SA4_ID1813_14082016233559.pdf)>. Acesso em: 03 out. 2022.

BRASIL. **Lei no 9394/96. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm)>. Acesso em: 24 Out. 2022.

BRASIL. **Resolução CNE/CP n.º 1, de 15 de maio de 2006. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 16 mai. 2006. Seção 1, p. 11.

DAVOGLIO, T. R; SPAGNOLO, C; SANTOS, B. S. Motivação para a permanência na profissão: a percepção dos docentes universitários. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 21, n. 2, p. 175-182, 2017. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/2823/282352996005/html/>>. Acesso em: 19 Out. 2022.

FAGUNDES, T. C. P. C. **Mulher e Pedagogia: um vínculo re-significado**. Salvador: Helvécia, 2005. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/27461>> Acesso em: 23. Mar. 2022.

FERREIRA, M. R; OLIVEIRA, I. J. A atuação do homem na docência da educação infantil no Brasil. **Revista Plurais - Virtual**, Anápolis - Go, Vol. 9, n. 3, p. 303-316, 2020. Disponível em: <<https://www.revista.ueg.br/index.php/revistapluraisvirtual/article/download/11420/8151/>>. Acesso em: 17 set. 2022.

FIALHO, L. M. F; NASCIMENTO, L. B. S; XEREZ, A. S. P. O que as professoras da educação básica sabem sobre gênero? **Caderno de Pesquisa: Pensamento Educacional**, v.11, n.27, p. 63-79, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/10147>>. Acesso em 03 Abr. 2022.

FREIRE, M. G. F; VIEIRA, D. D. **Reflexões sobre o currículo: das teorias tradicionais às teorias pós-críticas**. VI Congresso Nacional de Educação. 2019. Disponível em: <[https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO\\_EV127\\_MD1\\_SA2\\_ID11859\\_26092019205143.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA2_ID11859_26092019205143.pdf)>. Acesso em: 28 Abr. 2022.

- FRIGOTTO, E. I. S; TREIN, E. S; BARRETO, M. P; VALLE, M. T. E; SANTIAGO, M. C. **A formação docente no curso de pedagogia: entre as práticas e teorias.** 2017. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/revistaleph/article/download/39211/22648/131540>>. Acesso em: 05 out. 2022.
- GATTI, B. A.; BARRETO, E. S. S. **Professores: aspectos de sua profissionalização, formação e valorização social.** Brasília, DF: UNESCO, 2009.
- HIRATA, H; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, 2007.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.** 16ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- LEITE, A, M; OLIVEIRA, H. F; LUTERMAN, L. A. Políticas públicas de gênero na Educação Básica. **Porto das Letras**, v. 7, n. 1, p. 383-400, 2021.
- MINAYO, M. C. de S. **O desafio da Pesquisa Social.** In: MINAYO, M. C. S.; DELANDES, S. F; GOMES, R. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- RUIS, F; PEREZ, M. C. A. Ouvindo meninos: relações de gênero na educação infantil. **Rev. Bras. Psicol. Educ.**, Araraquara, v. 19, n. 2, p. 283-44294, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/10922/7073>> Acesso em: 23 Mar. 2022.
- SAYÃO, T. D. **Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: um estudo de professores em creches.** Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Florianópolis, 2005. 274 p.
- SILVA, C. R. da. **Docência masculina na educação infantil: impressões de um iniciante. Gênero e raça em discussão.** Jundiaí, SP: Paco Industrial, 2014.
- SILVA, E. M. da; FERREIRA, E. B. Os movimentos das professoras da educação básica na constituição das políticas de gênero na escola. **Educação e Pesquisa [online]**, v. 45, 2019,. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1678-4634201945200235>>. Acesso em: 30 Abr. 2022.
- SILVA, R, M; SOUZA, D. B; VITA, G. F; BERENBLUM, A. S. O homem pedagogo e o mercado de trabalho: oportunidades e desafios. **Perspectivas em Diálogo**, v. 7, n. 14, p. 148-164, jan./jun. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufms.br/index.php/persdi/article/download/9323/7258>>. Acesso em: 20 Abr. 2022.
- SOARES, M. P. **As relações de gênero no curso de graduação em pedagogia da UERGS – Litoral Norte.** 2021. Disponível em: <<https://repositorio.uergs.edu.br/xmlui/handle/123456789/1872>>. Acesso em: 25 Abr. 2022.
- THOMPSON, P. **A voz do passado.** São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- VIANNA, C. P. O sexo e o gênero da docência. **Cadernos Pagu**: 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cpa/a/hQFDykQmWnPvj4TYTWYmKZb/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 13 Mar. 2022.
- VIANNA, C; FINCO, D. Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder. **Cadernos Pagu**, n. 33, p. 265-283, 2009. Disponível em:<<https://www.scielo.br/pdf/cpa/n33/10.pdf>>. Acesso em: 09 Abr. 2022.
- VIANNA, K.; CARVALHO, M. A. de. **A dança.** São Paulo: Summus Editorial, 3ª ed., 2005.
- VIEIRA, V. A. As tipologias, variações e características da pesquisa de marketing. **Rev. FAE.** v. 5, n. 1, p. 61-70, 2002 Disponível em: <<https://revistafae.fae.edu/revistafae/article/view/449/344>> Acesso em: 15 Abr. 2022.
- YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim.** Tradução: BUENO, D; Revisão técnica: SILVA, D. – Porto Alegre: Penso, 2016. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=AeafCwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT5dq=pesquisa+qualitativa&ots=W5\\_gPKcNBu&sig=nsjRGdu9WzXvYFmmM64Wlrq76Oc#v=nepage&q=pesquisa%20qualitativa&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=AeafCwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT5dq=pesquisa+qualitativa&ots=W5_gPKcNBu&sig=nsjRGdu9WzXvYFmmM64Wlrq76Oc#v=nepage&q=pesquisa%20qualitativa&f=false)> Acesso em: 05 Abr. 2022.